O autor enquanto ficção de sua própria obra: o caso do português Castro Soromenho [1910-1968][1]

Cássio Santos Melo[2]

Resumo: O artigo que ora apresentamos tem por objetivo analisar um momento específico da atividade literária do português Fernando Monteiro de Castro Soromenho (1910-1968). Em praticamente toda a sua obra, a Lunda – região do nordeste de Angola –, foi eleita como seu objeto de investimento ficcional em romances, artigos jornalísticos e em trabalhos de caráter histórico. *Terra Morta*, seu principal romance, escrito em 1945, marca uma mudança no seu trabalho de escritor iniciado por volta do ano de 1936. Essa obra teve uma grande importância na trajetória intelectual de Castro Soromenho, pois representa sua tentativa de passagem do universo da propaganda colonial para o círculo dos modernos romancistas portugueses. E o problema central deste artigo é analisar os esforços empreendidos pelo autor ao fazer essa passagem, e como, consciente ou inconscientemente, seu trabalho intelectual ficcionou um autor de temas africanos em solo português que desejava suprimir sua passagem como romancista e jornalista a serviço da propaganda colonial portuguesa. Evidenciamos também neste artigo como certas questões presentes em *Terra Morta* nos levam a chamar sua obra de paradoxal e de que maneira contribuiu para o desenvolvimento de uma literatura nacionalista angolana em tempos de luta pela independência.

Palavras chave: Lunda; Castro Soromenho; Terra Morta; colonialismo português; propaganda.

The author as their own piece: the case of the Portuguese man Castro Soromenho [1910-1968]

Abstract: The present article aims to analyze a specific moment in the work of the Portuguese writer Fernando Monteiro de Castro Soromenho (1910-1968). In almost all of his work, the Lunda - Angola's northeastern region - was elected as its object of fictional investment in novels, journalistic articles and historical works. *Terra Morta,* his main novel, written in 1945, marks a change in his work as a writer started around the year 1936. This work had a great importance in the intellectual trajectory of Castro Soromenho, because it represents his attempt of passage of the universe of the colonial propaganda to the circle of the modern Portuguese novelists. And the central problem of this article is to analyze the efforts made by the author in making this passage, and how, consciously or unconsciously, his intellectual work fictionalized an African author on Portuguese soil who wanted to suppress his passage as a novelist and journalist in the service of propaganda colonial Portuguese. We also show in this article how certain issues in this novel lead us to call his work paradoxical and how it contributed to the development of an Angolan nationalist literature in times of struggle for independence.

---

1 Este artigo é uma versão modificada do segundo capítulo de nossa tese de doutorado "A Lunda de Castro Soromenho: alegorias de um império ido (1910-1968)", defendida em 14 de dezembro de 2014 no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo.

2 Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor do Curso de História da Universidade Federal de Catalão-GO. Contato: Sítio Universitário, Catalão – GO. E-mail: cassiomelomelo@yahoo.com.br.

Keywords: Lunda; Castro Soromenho; Terra Morta; portuguese colonialism; advertising.

Castro Soromenho, nascido em 31 de janeiro de 1910 na vila do Chinde, na então província da Zambézia, Colônia de Moçambique, era filho de um português que ocupou altos cargos na administração das províncias de Angola nas primeiras décadas do século XX. Soromenho fez o estudo ginasial em Portugal entre 1916 a 1925, em 1927 concluiu o liceu em Sá da Bandeira, capital da Huíla (Província de Angola). O ambiente histórico das primeiras décadas do século XX, em que Soromenho cresceu, estava envolvido pela perspectiva de se construir uma literatura etnográfica, histórica e literária a respeito das colônias portuguesas como forma de Portugal afirmar suas potencialidades de grande nação.

A temática africana foi uma constante em toda a vida intelectual de Castro Soromenho, a qual podemos situar temporalmente entre os anos de 1936 a 1968 – ano de sua morte. Essa observação é interessante, especialmente se considerarmos que durante o período em que ele viveu em Portugal, entre 1937 a 1960, conviveu com escritores portugueses que estavam distantes de tais temáticas, como Cardoso Pires e Casais Monteiro. Soromenho, em boa medida, procurou a partir do final da década de 1940 se firmar como um escritor português, num círculo literário que podemos definir como o da moderna literatura portuguesa. Ele não desejava ser apenas um escritor de literatura colonial, epíteto pelo qual é mais conhecido nos compêndios literários portugueses.

Soromenho se agarrou à África como um caminho para a construção de sua obra dentro e fora de Portugal, para tanto se empenhou em traduzir e publicar alguns de seus livros, principalmente na França, pois tinha como certo que seria a porta de abertura para o reconhecimento de sua obra.

A Lunda, região do atual nordeste de Angola, abrigava no passado a congregação dos reinos do estado do Muatiânvua, este título era recebido por seu dirigente maior. O nome Lunda representa a celebração da amizade entre os chefes dos estados que se juntaram para formar o novo reino por volta do final do século XVI. Segundo sumaria Raquel Silva, quando os portugueses chegaram à África em meados do século XV, parte da África Equatorial e Austral era dominada e governada por três grandes reinos ou impérios: o Reino do Congo, o Império Lunda e o de Monomotapa, na parte oriental. A região da Lunda era limitada por dois grandes afluentes do Rio Congo, o rio Cassai que limita a Lunda a sul e a leste; a oeste o rio Cuango,

limita a região em questão até a fronteira norte, que a confina com a República Democrática do Congo, antigo Zaire (SILVA, 2007, p. 11).

No contexto da Conferência de Berlim, a Lunda se tornou uma região extremamente importante para os anseios imperialistas de Portugal. Dominá-la possuía um forte significado de afirmação da teoria do mapa cor-de-rosa (CALVÃO, 2006) divulgada no ano de 1886, cerca de dois anos após a Conferência de Berlim. Segundo a qual toda a região entre Angola até Moçambique seria uma possessão portuguesa. A Lunda, visitada por comerciantes portugueses desde a segunda metade do século XIX, mas ainda não dominada, se localizava no centro desse mapa teórico. É sobre essa região, com toda uma carga simbólica muito cara ao colonialismo português, que a obra de Castro Soromenho será gestada.

No conjunto geral da obra de Castro Soromenho existe um escritor antes do seu livro *Terra Morta* – escrito em 1945 e publicado em 1949 –, e outro depois.

Para conseguir publicar a obra *Terra Morta* e divulgá-la posteriormente, Soromenho lançou mão de uma rede de relações intelectuais bem evidenciada em parte de sua correspondência deste período.[3]

Acreditamos que seus interesses intelectuais anteriores à publicação de *Terra Morta* não demandaram nenhuma necessidade desse apoio. Como escritor ligado à propaganda colonial, Soromenho, de certa maneira, estava em uma zona de conforto, pois este era um ambiente que ele circulava muito bem desde os tempos de angariador de mão-de-obra na Lunda do final da década de 1920; elucidemos melhor. O escritor anterior à produção do romance *Terra Morta* publicou uma série de estudos etnográficos e históricos sobre Angola em periódicos como *O mundo português, Atlântico, Esphera, Revista Mundial Ilustrada, Panorama, Portugal Maravilhoso, Diário de Luanda*. Todos estes favoráveis ao colonialismo e, por consequência, vinculados à propaganda colonial. Antes do romance *Terra Morta*, entre o período de 1936 a 1943, Castro Soromenho também publicara dois romances e três livros de contos. Destas cinco obras, três foram premiadas no Concurso de Literatura Colonial. Vejamos: em 1939, seu livro de contos *Nhári*: o drama da gente negra (1938) ficou em 2º lugar; em 1942 leva o 1º prêmio com a obra *Homens sem caminho* (1942); e em 1943, novamente fica com 2º lugar com o livro de contos e histórias *Rajada* (1943). Das cinco obras anteriores a *Terra Morta* que citamos acima, apenas duas não foram premiadas no Concurso de Literatura colonial, sendo: *Lendas*

[3] Nos referimos aqui à correspondência trocada entre Castro Soromenho e os escritores Casais Monteiro e José-Augusto França, ambas pertencentes aos Espólios desses intelectuais e que estão sob a guarda da Biblioteca Nacional de Portugal. Nos valemos também da correspondência trocada entre Castro Soromenho e Mário Pinto de Andrade pertencente ao acervo pessoal de Jorge Eduardo Soromenho, filho de Castro Soromenho.

Negras (1936) e *Noite de Angústia* (1939) – primeiro romance de Castro Soromenho. A despeito disso, *Lendas Negras* fora publicada numa coleção chamada "Cadernos Coloniais" sob os auspícios da Agência Geral das Colônias.

Após esse arrazoado, já é possível perceber que as obras de Soromenho publicadas antes de *Terra Morta*, mostram os caminhos de um escritor de temas africanos cujo mote inspirador de sua produção era a própria propaganda colonial que promovia anualmente um concurso literário, cujo incentivo era uma boa premiação em dinheiro. Para conseguir publicar *Terra Morta*, Castro Soromenho se apoiou numa rede de relações intelectuais bem diferente daquela ligada ao universo da propaganda colonial.

Ademais, há outras questões relacionadas a este projeto literário. Castro Soromenho era um sujeito que falava pouco sobre si e seu passado. Tal estratégia pessoal não é gratuita, pois há nisso um objetivo de obliterar sua experiência profissional e sua ligação com a propaganda colonial. A memória construída de si mesmo era a de um escritor que havia começado sua carreira nas letras como jornalista, teve a experiência de ser editor em Lisboa e, paralelamente a isso, foi se consolidando como romancista.

Mesmo após abandonar o periodismo da propaganda colonial, Soromenho mantém-se ligado a África como tema central da sua obra e tenta se destacar num universo intelectual completamente diverso àquele em que se lançou como escritor. A Lunda representava para a Soromenho a fixidez que pouco vislumbrou ao longo da vida pessoal, cheia de percalços e mudanças.

Acerca dessa produção literária que teve a África como temática, conhecida também como literatura colonial, o historiador português Alberto Oliveira Pinto define a da seguinte maneira:

> [...] são de literatura colonial, neste sentido subjetivo e restrito, as obras literárias cuja temática incida sobre Angola e os angolanos mas cujos autores, naturais ou não de Angola, se sentem portugueses e concebem Angola como espaço português e os angolanos como portugueses e seus súbditos. (PINTO, 2010, p. 127)

Esta dita literatura colonial, interpretada como uma produção histórica que traz uma série de representações elaboradas pelo colonizador em relação ao colonizado, é um caminho fiável para a construção de uma história angolana. Vale destacar que apesar de nos propormos analisar uma problemática relativa ao colonialismo, nossa perspectiva tem por mira, também, fazer uma crítica aos valores e representações elaboradas por essa literatura com relação ao homem africano.

A despeito da obra de Castro Soromenho ser encarada como uma crítica ao colonialismo e ao seu fracasso, sua pena de português deixou escapar muitas caracterizações do homem africano, semelhantes às já realizadas por outros escritores europeus marcantes dessa vertente, a exemplo de Joseph Conrad em seu romance *Coração das trevas* [1902]. Literatura na qual o homem africano aparece como aquele que está à espera da dita civilização – conceito tão propalado na virada do século XIX para o XX. Ou quando já inserido na cultura europeia, este homem africano é representado como apatetado, pois tenta falar um idioma que não é seu e se vestir como os brancos. Caracterização bem perceptível em romances como o já citado *Coração das trevas*, de Conrad, ou na obra *Terra Morta* [1949] de Castro Soromenho. Neste último, as atitudes do africano que assimila a cultura do português são retratadas como um arremedo, deixando clara a clivagem que se deseja estabelecer.

Ainda segundo Alberto Pinto, a literatura colonial é toda e qualquer produção literária que foi utilizada, independentemente da vontade de seus autores, como veículo da propaganda colonial. Assim, no caso português, essa produção colonial legitimou e contribuiu para a presença dos mesmos em Angola. Nos regulamentos do concurso de literatura colonial – publicados em 1926 nas páginas do Boletim da Agência Geral das Colônias – este objetivo propagandístico está claramente explicitado. Segundo este mesmo regulamento o baixo desenvolvimento deste gênero literário em Portugal se dá pela falta de estímulo e iniciativa, lacuna esta que o concurso almeja preencher (PINTO, 2010, p. 126-131).

No caso do Concurso de Literatura Colonial da Agência Geral das Colônias, há uma clara associação entre colonialismo e nacionalismo. A produção de uma "literatura do exotismo", termo utilizado pelo escritor português Carlos Selvagem em uma conferência proferida na União Intelectual Portuguesa, em 18 de junho de 1925, teria por meta glosar os feitos portugueses e com isso estimular na "massa gregária da nação" o sentimento de posse pelas conquistas obtidas desde o século XV (PINTO, 2010, p. 133). Na perspectiva apontada por Carlos Selvagem, que é a mesma que leva à criação do Concurso de Literatura Colonial, o problema das possessões ultramarinas portuguesas não é apenas uma questão de poder, trata-se, também, de uma questão sentimental para o nacionalismo português.

Carlos Selvagem também afirma que o florescimento da literatura exótica de outros países europeus como Inglaterra e França já ocorre desde o século XIX. E, segundo a interpretação deste escritor, bem sabem essas potências coloniais que o sucesso da emigração e fixação dos seus naturais nos territórios ultramarinos depende da contribuição desse tipo de literatura (PINTO, 2010, p. 134). A instituição do concurso colonial reflete, como temos destacado até aqui, o temor dos portugueses em perder suas possessões ultramarinas.

Alberto de Oliveira Pinto, no pormenorizado estudo que realizou acerca do Concurso de Literatura Colonial, entre o período de 1926 até 1951 – último ano da sua realização –, afirma que apesar de algumas obras trazerem a personagem do colono português como "inovação literária", a maioria delas só foram veiculadas em função do Concurso de Literatura Colonial (PINTO, 2010, p. 138).

Embora tenhamos plena consciência que o objetivo do trabalho de Oliveira Pinto é construir conceitos generalizantes por meio da análise das diversas obras e temáticas presentes nesse concurso literário, que existiu por mais de duas décadas, não podemos concordar na totalidade com a ideia de que a publicação destas obras esteve diretamente ligada somente à existência do Concurso de Literatura Colonial. Visto desta perspectiva, oblitera-se o desejo dos próprios sujeitos que participaram do processo na condição de escritores, jornalistas e proprietários de veículos de propaganda. Em nosso trabalho de pesquisa sobre a obra de Castro Soromenho, pudemos notar como a mentalidade portuguesa da década de 1930 estava carregada de um desejo de autoafirmação como nação colonialista. A preocupação com as nações concorrentes, ou melhor, com os países melhor aparelhados na manutenção do seu poderio financeiro e militar dentro de suas colônias africanas, era uma constante que se refletia inclusive nos editorias de jornais.

Afirmamos assim, que esta mentalidade colonial portuguesa e o Concurso de Literatura Colonial compõem um processo que se retroalimenta, pois seria ingenuidade da nossa parte acreditar que a existência de uma mentalidade colonial se deveu única e exclusivamente ao trabalho de incentivo à propaganda colonial do Estado Novo Português. Se esta propaganda foi plena, assim como um de seus braços que é a literatura colonial, era porque havia um lastro social que permitiu que ela se desenvolvesse.

Castro Soromenho, por sua vez, inseriu a figura do colono em seus romances no ano de 1945, com *Terra Morta*, obra publicada somente em 1949, no Brasil. O colono de Soromenho, como veremos, é um sujeito frustrado e empobrecido, mas que não deixa de se colocar numa posição de completa separação cultural e social do homem africano. É de extrema importância ressaltar que esta obra de Soromenho representa sua tentativa de passagem do universo da propaganda colonial para o círculo dos modernos romancistas portugueses.

Ainda com relação às obras que trouxeram o colono como personagem principal, juntamente com o africano, há aquelas que construíram uma perspectiva otimista da aproximação entre o português e o africano. Segundo a interpretação de Alberto Pinto, que

considero bastante acertada, muitas das obras que trazem o protagonismo do africano são hoje consideradas como originárias e pertencentes ao rol das modernas literaturas nacionais dos países africanos de Língua Portuguesa. Os autores ligados a esse ponto de vista são europeus, mestiços ou brancos nascidos em África, a exemplo de Óscar Ribas (autor de *Uanga*), João Augusto Silva (autor de *África: da vida e do amor na selva*), António de Assis Júnior (autor de *O segredo da morta*), Fausto Duarte (autor de *Feitiços*) e Castro Soromenho (autor de *Nhári, Noite de Angústia* e *Homens sem caminho*).

A construção de conceitos generalizantes é de suma importância para o historiador, sobretudo quando ele analisa longos períodos históricos, e foi isso que Alberto Pinto fez com bastante autoridade. Porém, há o risco de se cometer equívocos e se perder a dinâmica deste ou daquele processo histórico. Cito como exemplo disso o próprio Castro Soromenho, que apesar de ser um escritor que produziu trabalhos ligados ao universo da propaganda colonial, tentou também se inserir no universo da intelectualidade portuguesa como um escritor de temas africanos. E, de tal sorte, não pode ser catalogado em sua totalidade na definição acima de Alberto Pinto. Obviamente não podemos desconsiderar que seu trabalho de escritor desenvolveu-se dentro de um espaço em situação de colonização e, deste modo, nos seus textos vem à tona uma visão europeizada de cultura. De maneira oposta, a produção escrita de Soromenho não assume o caráter de nativista, qual seja, aquela encabeçada por homens nascidos na África, cujas obras já apresentam certas tintas nacionalistas, a exemplo de Alfredo Troni e Antônio Assis Júnior (CLARO, 2004, p. 127).

A par de tudo que expomos até o momento, acreditamos que a perspectiva teórica da crítica pós-colonial pode ser encarada como um caminho interessante para compreendermos essas várias contradições e dúvidas em relação à obra de Castro Soromenho.

No campo da análise crítica, o pós-colonial reconfigura o lugar de discussão de certas obras produzidas em ambiente metropolitano, como também escritos ligados ao debate anti-colonial. Conforme nos ensina Inocência Mata, a crítica literária da pós-colonialidade sucede às questões colocadas pela literatura nacionalista e anti-colonial das independências, pois as estéticas nacionalistas seguiam uma perspectiva anti-colonial. O pós-colonial não se articula com as questões propostas pelo anti-colonial nem como o neocolonial (MATA, 2007, p. 4). Segundo Inocência Mata, o pós-colonial propõe uma interpretação das questões decorrentes do fim do colonialismo tanto no campo estético como no social de modo que:

> o pós-colonial pressupõe, por conseguinte, uma nova visão da sociedade que reflete sobre a sua própria condição periférica, tanto a nível estrutural como conjuntural. Não tendo o termo necessariamente a ver com a linearidade do

> tempo cronológico, embora dele decorra, pode entender-se o pós-colonial no sentido de uma temporalidade que agencia a sua existência após um processo de descolonização – o que não quer dizer, *a priori*, tempo de independência real e de liberdade, como o prova a literatura que tem revelado e denunciado a internalização do *outro* no pós-independência" (MATA, 2007, p. 10-11)

Sem essa perspectiva não haveria possibilidade de notarmos o hibridismo linguístico e cultural em ambas escritas. Para além dessa perspectiva, no pós-colonialismo lusófono, segundo Mafalda Leite (2012), há uma ambivalência nas identidades de colonizados e colonizador. "Enquanto o discurso colonial do resto da Europa parece ter assentado numa polaridade entre colonizador e colonizado", o caso português parece responder de maneira diversa, uma hibridez histórica é o que se denota (LEITE, 2012, p. 137). Em relação à literatura angolana, durante o período de luta pela independência, encenou-se um novo campo literário fazendo coexistir a "escrita com a oralidade, numa harmonia híbrida" (LEITE, 2012, p. 139).

Ainda segundo as asserções de Mafalda Leite, a perspectiva pós-colonial permitiu que se interpretasse as produções literárias africanas (e também metropolitanas que tematizam a África) distante de olhares maniqueístas. Essa fase pós-colonial possibilita que se lance novos olhares acerca das interpretações revoltosas feitas pelas nações que lutaram pela sua independência, assim como a literatura de remorso ou mesmo de indiferença feita pela metrópole. As teorias pós-coloniais também salientam a importância de se questionar o cânone[4] - instituído por grupos detentores de poder cultural - que exclui a produção literária daqueles que se encontram fora dos centros hegemônicos, em especial, aquela oriunda de países que passaram por colonização recente (LEITE, 2012, p. 143).

Castro Soromenho, como tantos outros que se embrenharam no convívio com os grupos tradicionais africanos no intuito de registrar elementos de suas culturas, experienciou um processo que contava com a participação dos próprios africanos. O fato de não dominar o idioma dos lundas e tchokwe, exigia que a relação de Soromenho fosse intermediada pelo chamado "língua" – o intérprete que o acompanhava nas suas viagens – e, sobretudo, pelos livros. Vale frisar, que a passagem de Soromenho pelo nordeste de Angola, na condição de funcionário da administração colonial portuguesa, não foi demasiado longa, não ultrapassando o período de dez anos, entre 1927 e 1936. É necessário observar que, ao longo de sua carreira de escritor em Lisboa, Soromenho nunca fez referências diretas e com rigor de detalhes a sua

[4] Tomamos aqui a ideia de questionar os cânones literários como uma perspectiva crítica da teoria pós-colonial. Para maiores detalhes, olhar LEITE, 2012, p. 146-148.

vida na Lunda e a sua função. A sua experiência na África era acionada apenas nos momentos em que desejava criticar este ou aquele indivíduo que escrevera algo sobre Angola sem conhecimento de causa.

Numa fotografia que ilustra o livro de contos *Lendas Negras* [1936,[5] Soromenho se encontra sentado numa espécie de caixote de madeira e ao seu redor, igualmente sentados, estão três homens africanos. Soromenho posa para esta foto de maneira bastante garbosa, usa polainas, farda da administração colonial e está de posse de papel e lápis. Ao ocupar uma posição central na fotografia e sentar-se num caixote que garantia bons centímetros acima de seus interlocutores, afiança-se a clivagem social. O 'língua' que o acompanhava encontra-se num segundo plano, logo atrás de Soromenho, olhando seriamente para as lentes. Estas fixaram a intenção – consciente ou não – do jovem funcionário da administração portuguesa em demonstrar que dominava as técnicas de registro do passado oralizado das sociedades tradicionais africanas e que, neste momento, se aventura nas lides de etnógrafo.

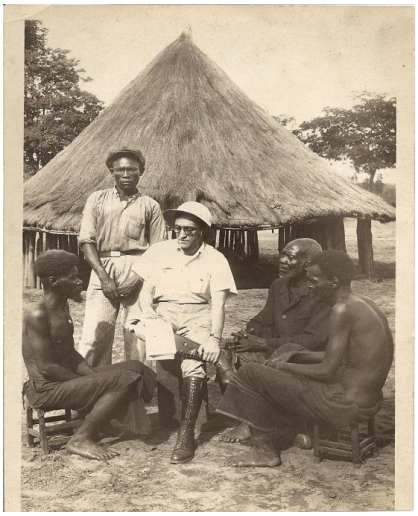
Contraditoriamente a isso, nos idos de 1960, ao ser interrogado por Fernando Mourão, em Lisboa, a respeito de qual método utilizara, na coleta do material que lhe serviu de base, para a preparação da primeira parte de sua obra, sem pestanejar Soromenho responde: "Não usei nenhum método. Nunca recolhi material. Africano nascido em Moçambique, mas medrado em Angola desde mal saído do berço, a Angola devo a minha vida de escritor" (MOURÃO, 1960).

Não sabemos se a resposta de Soromenho foi apenas retórica ou permeada de certa ironia, com o intuito apenas de desestabilizar o seu arguidor. Fernando Mourão em sua obra *A sociedade angolana através da literatura*, frisa sobremaneira o trabalho etnográfico de Soromenho junto às populações lundas e tchokwe (MOURÃO, 1978).[6]

[5] Na publicação original de *Lendas Negras* não consta a data de publicação. No site "Memórias d'África, projeto ligado à Universidade de Évora, informa que a coleção Cadernos Coloniais foi publicada a partir dos anos 20, eles informam 1939 como data do primeiro até o sexagésimo primeiro número. Parece-me pouco provável que tenham editado 61 Números num mesmo ano. Na bio-bibliografia de Castro Soromenho organizada por Fernando Mourão é referenciado o ano de 1936 como data de publicação desta obra, C.f.: MOURÃO, Fernando Augusto. *A sociedade angolana através da literatura.* São Paulo: Ática, 1978, p. 127. Alguns dos contos de Lendas Negras estão em Nhári, que é de 1938. Desta sorte, inclino-me a aceitar 1936 como a data mais provável.

[6] Ver especialmente o capítulo II, "A visão poética ou a terra da amizade".

Figura 1 - Fotografia que ilustra o livro de contos *Lendas Negras* (1936)[7]



Acerca do método de pesquisa de homens como Castro Soromenho, uma importante questão apontada pela historiadora Maria Cristina Cortez Wissenbach, em um dos seus trabalhos sobre os relatos de viagem produzidos por europeus no final do século XIX, nos ajuda a pensar esta questão. Referimo-nos aqui ao que ela chamou de "conjuntos de informações que vão sendo apropriadas e transmitidas por gerações diferentes de viajantes" (WISSENBACH, 2009, p. 378). E, por conseguinte, muitas informações e conclusões a respeito de alguma região ou cultura vão sendo transmitidas de maneira sucessiva.

Acreditamos que esse tipo de apropriação possa se aplicar a Castro Soromenho em seu exercício de recolher lendas entre as populações tradicionais nos sertões da Lunda. Temos quase como certo que Soromenho já havia lido, antes de ir para a Lunda, a obra *Etnografia e história tradicional dos povos da Lunda* de Henrique Dias de Carvalho. E realizou, aparentemente, junto às populações locais com as quais teve contato, um processo de confirmação das lendas descritas por Carvalho no final do século XIX. Isso fica notório nos seus primeiros contos. Citamos, por exemplo, a própria história de formação da Lunda a partir da união de Luéji, rainha Lunda, com o caçador Ilunga, descrita por Henrique de Carvalho, e que em Soromenho será

[7] Esta fotografia foi disponibilizada pelo filho de Castro Soromenho que vive no Brasil e atua como professor na FEA-USP. Esta fotografia foi utilizada pelo autor não apenas para ilustração do livro *Lendas Negras*, como também no artigo "Tragédia Negra". *Humanidade*, 20 de junho de 1937, Lisboa.

recriada nos contos *Terra da Amizade* (1936) e *Luéji e Ilunga na terra da amizade* (1945). Assim como a lenda da formação da lagoa do Dilôlo-Moxico que Carvalho recolheu sob o nome de lenda do "Lago enfeitiçado" e que na obra de Soromenho é narrada no conto *A lagoa maldita* [1936].[8]

A leitura e a apropriação de muitos elementos da obra de Henrique Dias de Carvalho por Soromenho, não se deveu apenas ao fato que ele fora um profundo conhecedor da história e da cultura lunda. Também devemos levar em conta que algumas das proposições de Carvalho ainda eram atuais para muitos homens do universo letrado português das décadas de 1930 e 40, a exemplo de Castro Soromenho.

Acerca da fotografia reproduzida acima, assim como outras que compõem uma série bastante extensa de fotografias do rosto de homens e mulheres lundas e tchokwe, possuem uma datação imprecisa. Estas fotografias estão reproduzidas numa espécie de anexo do livro *A maravilhosa viagem dos portugueses*, publicado em 1944. A despeito da imprecisão com relação à data de produção desse material fotográfico, temos plena certeza de que elas não ultrapassam o ano de 1937, ano em que Soromenho retorna a Lisboa.

Ainda com relação à fotografia que citamos, há no verso desta uma informação que nos permite fazer algumas inferências, trata-se da data de 1932 anotada manualmente com caneta. Neste ano Soromenho estava nos sertões de Angola, na função de aspirante na circunscrição de Saurimo, Distrito da Lunda, a serviço do governador do distrito, ninguém mais que seu próprio pai, Artur Ernesto de Castro Soromenho.

Entre 1933 e 1936 Castro Soromenho permaneceu como funcionário do governo, mas é um período muito obscuro da pesquisa sobre sua vida, pois desconhecemos suas atividades profissionais e intelectuais neste momento. Em 1936 fixa-se em Luanda, a serviço do jornal *Diário de Luanda* – periódico vinculado à administração colonial – e, neste ano, publica seu primeiro conto "Aves do Além", que será incorporado ao seu livro de estreia, também de 1936, sob o título *Lendas Negras*. Sua permanência em Luanda é pequena, e em 1937 vai para Portugal e nunca mais retorna à África. A Lunda, sua história e sua cultura estarão presentes em toda sua obra. Todavia, seu retorno a Portugal permitirá a Soromenho recriar a Lunda que ele já havia ficcionado nos seus primeiros contos. Isso se dará por um processo de incorporação de novas leituras etnográficas e inclusive históricas, como também pelo fato do próprio autor

[8] Cf: CARVALHO, Henrique Dias de. *Expedição portuguesa ao Muatiânvua* (1884-1888): Etnografia e história tradicional dos povos da Lunda. Lisboa: Imprensa Nacional, 1890. Verificar respectivamente p. 58-60 e p. 126-128; Com relação aos contos de Castro Soromenho citados, consultar: *Lendas Negras.* Lisboa: Editorial Cosmos, 1936 & *Calenga.* Lisboa: Editora Inquérito,1945.

fazer uma revisão crítica da sua obra desde seu retorno a Portugal. Segundo ele próprio: "[…] quando em 1937 abandonei Angola, estava longe de vir a ser um escritor. Interessado no jornalismo, profissão que exerci largos anos, dele me ocupei. Foi aqui em Portugal que nasceu o escritor, depois de reviver a minha vida em Angola" (MOURÃO, 1960).

A despeito disso, Castro Soromenho buscou se notabilizar como escritor português de temáticas africanas e não simplesmente como um autor de literatura colonial, denominação pela qual era mais conhecido no meio intelectual português. Para atingir este objetivo, ele utilizou com frequência sua rede de relações intelectuais, principalmente junto a Casais Monteiro, que já desde a década de 1930 possuía grande reconhecimento no universo letrado português. Não foi tarefa fácil para Soromenho se destacar neste universo, pois não possuía formação universitária, nem mesmo um grande trabalho literário pelo qual pudesse ser reconhecido. Todavia, ele compensava essas deficiências com estudos sérios e disciplinados; circulava nesse meio naturalmente e era reconhecido como um *par inter paris*. Porém, o reconhecimento literário em Portugal almejado por Soromenho não foi conquistado em vida.

E a partir da tentativa de publicação de *Terra Morta*, em 1945, ele passou a ser visto como *persona non grata* junto ao serviço de inteligência do governo português, a PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado).[9] Com isso, sua imagem de escritor crítico ao colonialismo se expande. O fato de Soromenho ser um escritor que iniciou sua trajetória intelectual ligado à propaganda colonial, não explica na totalidade este não reconhecimento a que nos referimos. Ele elegeu como objeto ficcional um tema muito caro ao universo sociocultural português: a África. Como observou José augusto França: "Para todos, naquela época, Angola era Portugal, os republicanos eram colonialistas. A Guerra de 62 em Angola foi encarada como crime de traição à Pátria" (FRANÇA, 2012). A partir desta fala é possível dimensionar o que significava escrever sobre África em Portugal, e mais ainda, ter uma postura de contrapropaganda em

[9] Desde o golpe de 28 de maio de 1926, jornais, revistas, livros, programas de rádio, cinema, teatro, passavam por censura prévia em Portugal. A partir do Estado Novo (1933-1974), a repressão sofistica-se, e é criada a PVDE (Polícia de Vigilância e de Defesa do Estado), que dará origem à PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) em 1945. O Estado Novo foi o regime político autoritário, autocrata e corporativista de Estado que vigorou em Portugal durante 41 anos sem interrupção, desde a aprovação da Constituição de 1933 até a sua derrubada pela Revolução de 25 de abril de 1974. Como regime político, o Estado Novo (1933-1974) foi também chamado Salazarismo, em referência a António de Oliveira Salazar (1889-1970), o seu fundador e líder. Salazar assumiu o cargo de Ministro das Finanças em 1928 e tornou-se, nessa função, uma figura preponderante no governo da Ditadura Militar, o que lhe valeu o epíteto de "Ditador das Finanças". Obtendo enorme sucesso num curto espaço de tempo. Ascendeu à Presidência do Conselho de Ministros em julho de 1932 esteve nessa função até o seu afastamento por doença em 1968. Porém, o Estado Novo abrange também o período em que o sucessor de Salazar, Marcelo Caetano (1906-1980), chefiou o governo (1968-1974). Caetano assumiu-se como continuador de Salazar.

relação ao colonialismo. E este foi o caminho escolhido por Soromenho a partir do seu romance *Terra Morta*.

Em nosso trabalho de pesquisa, buscamos encaminhar outra direção à interpretação de que Castro Soromenho era um crítico voraz do colonialismo. As obras desse escritor não podem ser lidas como um trabalho militante de defesa da autonomia dos países africanos. Mas possuem grande valor por terem exposto a miséria do colono português e igualmente a exploração e escravidão do homem africano em pleno século XX. Em razão disso, seus trabalhos abriram caminho para que fossem lançados novos olhares sobre a Angola e o colonialismo, especialmente em território europeu. Apesar de não falar do lugar de colonizado ele cria algo novo, seus textos mesclam elementos da cultura imperial portuguesa com tradições lundas. Mesmo que estas tenham sido acessadas por vias secundárias, a exemplo da releitura de histórias tradicionais da Lunda a partir da obra de Henrique Dias de Carvalho, não podemos desprezar a experiência dele no contato direto com os povos da Lunda na condição de funcionário da administração colonial portuguesa.

Apesar da existência desta intertextualidade, a escrita de Soromenho não pode ser enquadrada num caso de "hibridismo linguístico" nos termos propostos por Ana Mafalda Leite ao analisar as formulações pós-coloniais de alguns escritores angolanos do período colonial como Luandino Vieira. O hibridismo linguístico seria a supressão da norma do português metropolitano com a incorporação de elementos da cultura oral africana, resultando em diferentes recriações (LEITE, 2012, p. 133, p. 137). De tal sorte, podemos notar sua obra ligada ao universo do pós-colonialismo, aqui compreendido como um conjunto de "estratégias discursivas e performativas que frustram a visão colonial" (LEITE, 2012, p. 130), o termo pode englobar escritos provenientes das ex-colônias como também textos literários (ou de outra natureza) da ex-metrópole, a exemplo do caso presente que analisamos, qual seja, o romance *Terra Morta*.

Do ponto de vista mais geral, considerando o trabalho intelectual, podemos afirmar, com o risco do equívoco obviamente, que a África não era um tema que traria grandes dividendos intelectuais a um escritor português. Referimo-nos aqui ao universo intelectual apartado da propaganda colonial.

Neste universo intelectual português, em específico no que tange aos temas ligados à África, havia uma divisão tácita do trabalho intelectual. Aos escritores que se enveredavam pelos caminhos da África, reservava-se, aos mesmos e suas respectivas produções, o epíteto de literatura colonial. Creio não ser esse o qualificativo desejado por Soromenho, como é possível perceber numa análise mais pormenorizada da sua rede de relações intelectuais, na qual se

incluía escritores como Casais Monteiro, José-Augusto França e João Gaspar Simões. Por outras vias, o reconhecimento como sendo um dos críticos ao colonialismo português adveio, principalmente, do seu contato, a partir da década de 1950, com Mário Pinto de Andrade, chefe de redação do periódico *Presénce Africaine* de 1951 a 1958. Mário de Andrade foi extremamente importante na projeção de Castro Soromenho no universo do pan-africanismo em território europeu e africano. E é sob essa faceta que Soromenho se tornou mais conhecido e referenciado nos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa.

Como afirmamos, Castro Soromenho não pode ser interpretado apenas como um escritor de temática colonial, pois seus posicionamentos políticos e sua inserção no universo letrado português sugerem algo mais.

Ao longo de nossa análise da correspondência de Castro Soromenho algumas pistas, por mais singelas que sejam, referendam esta nossa interpretação. Na ocasião da preparação dos originais do romance *Terra Morta* para sua publicação no Brasil, em maio de 1949, Soromenho escreve a Casais Monteiro agradecendo pela cópia do texto que seria utilizado na apresentação do referido romance (SOROMENHO, 12 maio 1949).

Para conseguir extrair este texto de Casais Monteiro, Soromenho o solicitou nas três correspondências que enviou a ele no mês de abril de 1949 quando se encontrava no Rio de Janeiro. Como veremos logo adiante, era de praxe a Casais Monteiro se manter em silêncio acerca de alguns dos pedidos de Soromenho. Soromenho, por seu turno, era algo insistente. No caso específico deste texto para a composição da apresentação, ele desejava encontrar no mesmo, uma apresentação generosa que o ombreasse à nova geração de romancistas portugueses. Casais Monteiro, apesar de tecer largos elogios à obra em si e ao seu autor, a categorizou como um trabalho de literatura colonial, nas suas palavras:

> A segurança, a naturalidade, a verdade humana das cenas e das figuras, a nitidez e a transparência do estilo, que são apanágio do romancista em pleno domínio da matéria que trabalha, põem esta obra num plano que raras vezes temos visto alcançado pelos nossos romancistas contemporâneos. Não esqueço que a obra entra na categoria da chamada "literatura colonial"; pois pela primeira vez um romance português deste gênero se nos impõe como de categoria universal. Pela primeira vez, um romance de Angola nos dá, mais que o pitoresco, o sentido geral da contraditória humanidade da sua população [...] (MONEIRO, 1949)

Com toda a certeza Soromenho esperava algo mais da pena de Casais, talvez seu silêncio inicial para com este pedido, residisse justamente nisso. Apesar da consideração para com o amigo, Casais não pôde trair suas concepções estética literárias. Soromenho, muito amistosamente agradece ao amigo pelo envio do texto, mas não deixa de cobrar o porquê de Casais não ter analisado *Terra Morta* como um trabalho ligado à nova geração de romancistas portugueses. Soromenho, assim inicia sua carta de 12 de maio de 1949: "Recebi ontem a sua carta de 5 e a cópia [sic] do artigo sobre "Terra Morta" que achei bom. É verdade que v. poderia ter, à volta do assunto, estudado o caso do romance português da nova geração; mas também é verdade que lhe faltaria espaço" (SOROMENHO, 28 dez. 1948).

No conjunto da obra de Soromenho e das diversas pistas deixadas por ele em suas cartas e artigos jornalísticos, ficcionar a África e a Lunda era o mesmo que escrever sobre camponeses e operários pobres de Portugal, tal qual o neorrealismo o fez; movimento este que Soromenho tinha suas críticas. Em dezembro de 1948 quando se encontrava em Ponta Delgada, em carta enviada a Casais Monteiro ele elogia um conto de Alice Gomes – esposa de Casais – justamente pelo fato de não se assemelhar com a temática dos principais literatos neorrealistas do período, e arremata: "[…] não é se gritando de fome que se faz literatura social" (SOROMENHO, 28 dez. 1948). Esta crítica estava direcionada aos livros de Fernando Namora e Alves Ledol, que trouxeram para suas páginas os problemas sociais dos trabalhadores rurais portugueses, acossados pela fome e pela sazonalidade de oferta de trabalho em Portugal nas décadas de 1930 e 1940. Mas nem todos pensavam como Soromenho.

Angola, localizada no continente Africano, era considerada por muitos portugueses como um pedaço do território português no Além-Mar, isto significa encarar Angola e tudo o mais que diga respeito a este local de maneira assimétrica. A intelectualidade portuguesa contemporânea a Soromenho estava preparada para fazer a crítica social dos problemas internos de Portugal como a pobreza e o analfabetismo de sua população rural. Todavia, estabelecer uma crítica ao modo como os homens africanos eram tratados pela ocupação portuguesa foi algo despertado muito tardiamente em Portugal. Soromenho entre seus pares em Portugal era um escritor de coisas coloniais e com este status morreu. Contemporaneamente, sob o viés da crítica pós-colonial, este escritor deve ser interpretado de modo diverso ao cânone literário no qual tentava se inserir. Sua obra abriu importantes sendas para a crítica ao colonialismo na década de 1950 em diante e também para o desenvolvimento de uma literatura nacionalista em Angola.

Se por um lado ele - desde aproximadamente 1936 - iniciava sua carreira de jornalista e escritor colocando sua pena a serviço de muitos periódicos ligados à propaganda colonial, como poderemos analisar a seguir. Por outro lado Soromenho foi construindo uma rede de relações

com intelectuais partidários de opiniões políticas e estéticas bem distantes daquelas levadas a cabo pelo Estado Novo Português. E também especialmente distantes da propaganda colonial, universo no qual Castro Soromenho circulou.

A despeito disso, foi o próprio trabalho de jornalista que permitiu a Castro Soromenho construir relações com a fina flor da intelectualidade que encabeçava posições críticas ao regime político português, a exemplo de Casais Monteiro. Completam essa lista nomes como: José augusto França, Forjas Trigueiros, João Gaspar Simões, Fernando Piteira Santos, José Régio, Fernando Lemes, dentre outros. Ele esteve em contato com escritores portugueses de diferentes gerações: modernistas, presencistas e neorrealistas.

E é do paradoxo presente na literatura de Castro Soromenho, entre ser um partícipe da propaganda colonial e o desejo de ser um reconhecido escritor português, que desejamos tratar agora.

O escritor Castro Soromenho e sua rede de relações intelectuais.

Castro Soromenho era um sujeito que falava pouco sobre si, dos seus projetos e sobre seu passado, mesmo no meio familiar. Sua correspondência nos auxiliará a romper estes silêncios, como também tentar mapear os caminhos e descaminhos percorridos por este escritor no universo intelectual com o qual ele se relacionou nas décadas de 1940, 1950 e 1960 em Lisboa. Este conjunto de cartas apesar de ser muito rico é parcial, pois há muitas lacunas de tempo não preenchidas e que caberá a nossa imaginação histórica intentar preencher.

Boa parte da correspondência que tivemos acesso foi compulsada nos espólios de Adolfo Casais Monteiro e de José Augusto França, todos sob a guarda da Biblioteca Nacional de Portugal. Junto ao herdeiro do espólio de Castro Soromenho, seu filho Jorge Eduardo Soromenho, pudemos ter acesso a um pequeno, porém valioso, número de cartas enviadas por Mário Pinto de Andrade a Castro Soromenho entre os anos de 1953 a 1967. Quanto à correspondência consultada nos espólios da Biblioteca Nacional de Lisboa, a mais rica, sem sombra de dúvida, são as cartas enviadas por Soromenho a Casais Monteiro.

A primeira questão a ser colocada é que na maioria desta correspondência temos acesso apenas a um lado da moeda. Pois, em boa medida podemos ler apenas as cartas escritas por Castro Soromenho – no caso das enviadas por ele a Casais Monteiro e José Augusto França –, ou aquelas recebidas por ele – a exemplo das missivas recebidas de Mário Pinto de Andrade.

Na tentativa de suprir essa carência, procurei nestes espólios não apenas as cartas enviadas por Soromenho, mas também algumas enviadas por amigos que eram comuns tanto a Soromenho quanto também ao dono do espólio. Por exemplo, no espólio de Casais Monteiro relacionei algumas missivas enviadas por José Augusto França, no intuito de encontrar citações e referências a Castro Soromenho. Meu objetivo foi o de saber não só a percepção que Soromenho tinha sobre si mesmo dentro deste grupo, mas considerei necessário compreender como Soromenho era visto pelo seu grupo. Apesar dessas referências serem pouco frequentes, elas foram importantes na montagem do quebra-cabeças.

Um segundo problema que deve ser colocado ao se analisar criticamente esta correspondência é o período coberto por estas cartas. Nenhuma das missivas que temos em mão antecede o ano de 1947 e se prolongam até 1968, ano da morte de Soromenho em São Paulo. A primeira questão a ser levantada é o fato de que Soromenho fazia parte de uma geração em que a convivência social se dava pelos encontros quase cotidianos ocorridos nos cafés, especialmente aqueles localizados no Chiado. José-Augusto França em sua entrevista conosco em novembro de 2012, lembra que "A brasileira" do Chiado era um dos principais locais de encontro. Entretanto, foi na Pastelaria Colombo – localizada na Praça Saldanha – que ele conheceu Castro Soromenho em dezembro de 1945, segundo a boa memória do professor França. Era na Colombo também que Soromenho convivia com outros intelectuais como o próprio França, Casais Monteiro e Antonio Pedro, local frequentado por ele quase diariamente após seu jantar (FRANÇA, 2012). Assim, a troca de cartas ocorria em momentos de viagens quando a comunicação verbal era interrompida.

Vale ressaltar que a ausência de correspondências enviadas por Soromenho anteriores a 1947 nos sugere algo mais, pois esta ausência não é nada fortuita. A partir desta ausência podemos fazer uma inferência: anteriormente à segunda metade da década de 1940, Soromenho pertencia ao universo da propaganda colonial. Casais Monteiro, José Augusto França, Antonio Pedro, Jorge de Sena, entre outros, faziam parte de um novo círculo intelectual que Castro Soromenho começou a circular a partir de 1945, aproximadamente. Como dissemos, essa ausência de correspondência anterior a esse período não é gratuita. No conjunto geral da obra de Castro Soromenho existe um escritor antes do seu livro *Terra Morta* – escrito em 1945 e publicado em 1949 –, e outro depois.

Mas há outras questões relacionadas a este projeto literário. Em alguns momentos aqui deste texto, afirmei como Castro Soromenho era um sujeito que falava pouco sobre si e seu passado. Tal estratégia não é casual, pois há nisso um objetivo de obliterar do seu passado e de sua experiência profissional sua ligação com a propaganda colonial. A memória construída de

si mesmo era a de que ele havia começado sua carreira nas letras como jornalista, teve a experiência de ser editor em Lisboa e, paralelamente a isso, foi se consolidando como romancista. Em meados de 1965, quando se encontrava no exílio em Paris e desenvolvendo estratégias para conseguir chegar ao Brasil, Castro Soromenho envia seu *curriculum vitae* para Casais Monteiro, o qual já se encontrava exilado na cidade paulista de Araraquara (SOROMENHO, 15 maio 1965). Este documento fazia parte das necessidades burocráticas para que Casais e outros amigos, conseguissem a oficialização de um convite para Soromenho trabalhar como colaborador de Ruy Coelho no curso de Sociologia da Universidade de São Paulo.

Neste currículo, Soromenho afirma que viveu em Angola até a idade de vinte e sete anos, fato que não é verdadeiro, conforme mencionamos inicialmente neste artigo. Obviamente, isso fazia parte de suas estratégias para garantir a autoridade no estudo e na ficção de temas africanos. Ele não menciona em seu currículo nenhuma das revistas e jornais ligados à propaganda colonial nos quais ele atuou por cerca de sete anos como *O mundo português, Atlântico, Esphera, Revista Mundial Ilustrada, Panorama, Portugal Maravilhoso, Diário de Luanda*. A título de exemplo, em *O mundo português* – periódico ligado ao Ministério das Colônias e distribuído gratuitamente – Soromenho produziu trinta e quatro artigos entre 1936 a 1945, algo nada desprezível.

O ano de 1945 marca a tentativa de Castro Soromenho em publicar pela primeira vez o livro *Terra Morta* em Portugal, projeto malogrado pelos rigores da censura. Somente em 1949, numa edição brasileira, esta obra vem a público. Em *Terra Morta* aparece uma personagem nova no texto de Soromenho, o colono português que vive numa Lunda da década de 1920 já pacificada pelas campanhas militares das primeiras décadas do século XX. O referido colono está empobrecido e não possui os sonhos de grandeza e sortilégios que possuía nos tempos áureos do comércio da borracha e da cera no final do XIX, época em que chegou à África. Nesta época bebia-se champanhe acompanhado por finos acepipes enlatados. Deste passado sobrou apenas a velha loja enclausurada nos sertões de Angola e a vizinhança com um posto de serviço da administração colonial, o qual está ali apenas com a função de cobrar os impostos coloniais da população nativa.

Como fruto da permanência do colono na Lunda está presente também na narrativa de *Terra Morta* o mestiço, filho de amores vadios ou de casamentos arranjados ao preço de algumas contas de vidro e um cobertor; sem deixar de mencionar o estupro. O mestiço de *Terra*

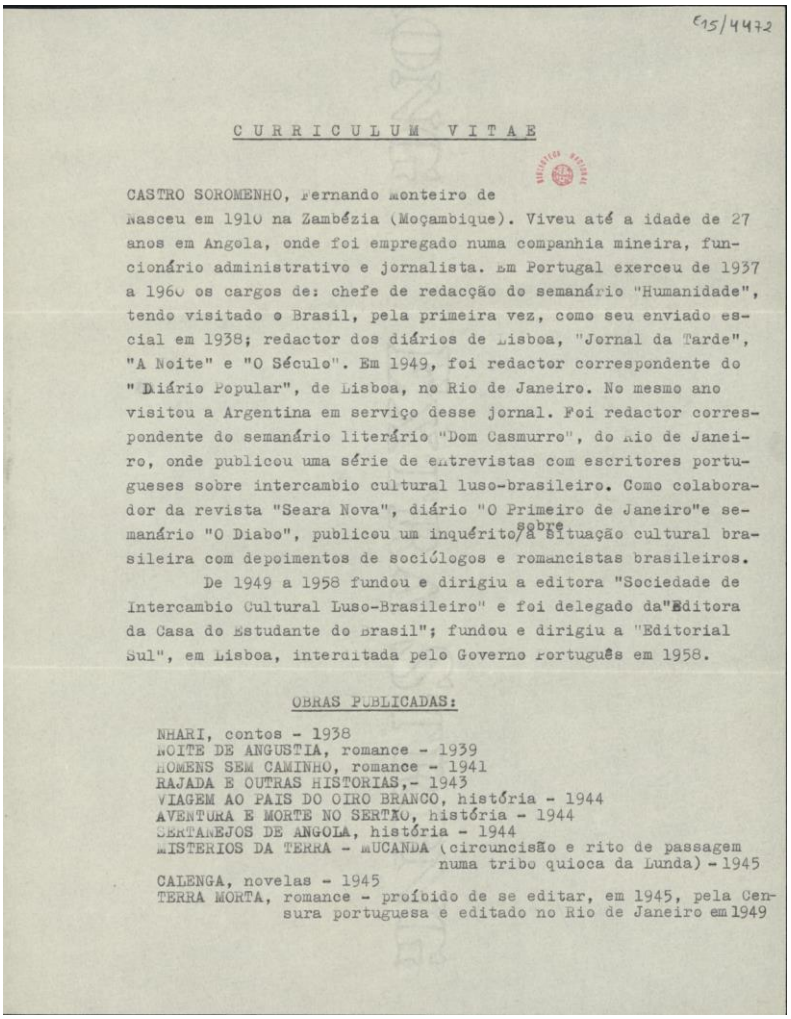
Morta se assemelha ao mestiço estudado por Laura de Mello e Souza nas Minas Gerais do século XVIII em *Os desclassificados do ouro*. Ele nem fala com fluência o português do pai, tampouco reconhece na totalidade as tradições da mãe africana que o gestou. É um excluído da sociedade admoestada pelo colonialismo.

Nestas rápidas pinceladas acerca de *Terra Morta* é fácil perceber o porquê de afirmarmos que esta obra representa um corte no trabalho intelectual de Castro Soromenho. Este é o primeiro romance de Castro Soromenho em que ele explicitamente constrói, em parte, uma imagem de fracasso e miséria do colonialismo português em Angola. Este livro, assim como a sequência composta por *Viragem* (1957) e *A chaga* (1970), é também a narrativa de um recalque do nacionalismo português, que diz respeito aos sonhos e pretensões colonialistas portuguesas. Sonho que neste recente ido século XX teve a África como seu principal objeto de investimento afetivo. A obra de Soromenho, em boa medida, nos ajuda a interpretar como é grande a angústia ao se deparar com este sonho não realizado.

Não é por menos que esta obra teve sua publicação proibida em Portugal ao ser submetida à censura em janeiro de 1945.

Muito casualmente numa pesquisa na rede mundial de computadores encontrei, em um site que abriga uma infinidade de documentos e jornais acerca da vida política portuguesa no século XX, uma referência ao nome de Castro Soromenho. Foi assim que pudemos acessar um documento praticamente inédito acerca da proibição da publicação de *Terra Morta*, quando este romance foi analisado pela censura em fevereiro de 1945.

Figura 2 - Cópia da 1ª página do *Curriculum Vitae* de Castro Soromenho enviado a Casais Monteiro em maio de 1965



C15/4472

C U R R I C U L U M V I T A E

CASTRO SOROMENHO, Fernando Monteiro de

Nasceu em 1910 na Zambézia (Moçambique). Viveu até a idade de 27 anos em Angola, onde foi empregado numa companhia mineira, funcionário administrativo e jornalista. Em Portugal exerceu de 1937 a 1960 os cargos de: chefe de redacção do semanário "Humanidade", tendo visitado o Brasil, pela primeira vez, como seu enviado especial em 1938; redactor dos diários de Lisboa, "Jornal da Tarde", "A Noite" e "O Século". Em 1949, foi redactor correspondente do "Diário Popular", de Lisboa, no Rio de Janeiro. No mesmo ano visitou a Argentina em serviço desse jornal. Foi redactor correspondente do semanário literário "Dom Casmurro", do Rio de Janeiro, onde publicou uma série de entrevistas com escritores portugueses sobre intercambio cultural luso-brasileiro. Como colaborador da revista "Seara Nova", diário "O Primeiro de Janeiro"e semanário "O Diabo", publicou um inquérito sobre a situação cultural brasileira com depoimentos de sociólogos e romancistas brasileiros.

De 1949 a 1958 fundou e dirigiu a editora "Sociedade de Intercambio Cultural Luso-Brasileiro" e foi delegado da"Editora da Casa do Estudante do Brasil"; fundou e dirigiu a "Editorial Sul", em Lisboa, interditada pelo Governo Português em 1958.

OBRAS PUBLICADAS:

NHARI, contos - 1938
NOITE DE ANGUSTIA, romance - 1939
HOMENS SEM CAMINHO, romance - 1941
RAJADA E OUTRAS HISTORIAS,- 1943
VIAGEM AO PAIS DO OIRO BRANCO, história - 1944
AVENTURA E MORTE NO SERTÃO, história - 1944
SERTANEJOS DE ANGOLA, história - 1944
MISTERIOS DA TERRA - MUCANDA (circuncisão e rito de passagem numa tribo quioca da Lunda) - 1945
CALENGA, novelas - 1945
TERRA MORTA, romance - proíbido de se editar, em 1945, pela Censura portuguesa e editado no Rio de Janeiro em 1949

Fonte: SOROMENHO, 15 maio 1965.

Na ficha da censura, cujo relatório foi assinado por um certo major Ávila Madruga, não apresenta o nome do solicitante, sabemos apenas que as editoras que não desejavam ter suas oficinas empasteladas, se submetiam aos arroubos autoritários do governo português. Pelo teor do relatório, o censor demonstrou que de fato leu minuciosamente o livro e detalha os motivos pelos quais ele proíbe a publicação de *Terra Morta*. Acompanhemos um trecho deste relatório para compreendermos como o censor o caracterizou:

> Romance da vida africana no interior de Angola. Com episódios de pouco interesse, descreve-se a vida dos pequenos funcionários civis nos postos administrativos e a vida nas aldeias indígenas do interior da colônia. Em todas as narrações transparece a existência precária e pouco

> dignificante dos pequenos funcionários e a miséria da vida primitiva e de abandono dos indígenas. Mostra-se a penúria da população negra, explorada e massacrada pelos brancos que só tem a única preocupação de cobrar impostos e recrutar homens para trabalhos nas minas [...] Sou da opinião que não deve ser autorizada a publicação deste romance por deletério e contrário à nossa acção colonial.
>
> (a)Avila Madruga. Maj.
>
> (PEREIRA, 2012)

A publicação do livro ocorrerá apenas em 1949, pela Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil localizada no Rio de Janeiro. O trabalho para a publicação de *Terra Morta* no Brasil, empreendido por Soromenho, foi realizado entre março e abril de 1949, ocasião em que ele veio ao Brasil a serviço do *Diário Popular* de Lisboa para a realização de algumas entrevistas com Graciliano Ramos. Após este trabalho, o escritor acerta com Arquimedes de Melo Neto, que dirigia a Casa do Estudante do Brasil, a publicação da obra *Terra Morta* e a constituição de uma editora que viria a ser denominada Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileira, trata-se do início da carreira de editor de Castro Soromenho. Em maio deste ano ele já sai do Rio de Janeiro como delegado da Livraria-Editora Casa do Estudante do Brasil, função que já era um resultado da constituição desta parceria com o editor brasileiro.

Esta Sociedade de Intercâmbio Cultural fundada por Soromenho em 1949 era uma editora que funcionava sem a autorização do governo português. A solução encontrada por Soromenho para editar livros em Portugal foi estabelecer sociedade com uma editora brasileira, (Livraria-editora Casa do Estudante Brasileiro) na qual publicou *Terra Morta* e as obras de Arthur Ramos. Por meio deste artifício ele fazia suas publicações com selo duplo, que em Portugal figurava como uma edição brasileira, driblando, assim, as autoridades portuguesas. Acreditamos que a publicação de *Terra Morta* por esta editora permitiu a Soromenho se aproximar desta casa editorial carioca. Soromenho possuía laços de amizade com o diretor-gerente da Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil: Arquimedes de Melo Neto.

A despeito disso, a Sociedade de intercâmbio cultural luso-brasileira teve vida curta, não sabemos precisamente o período de sua existência, mas não ultrapassou quatro anos. Tempo suficiente para a publicação de alguns trabalhos como *Peregrinação,* obra de Fernão Mendes Pinto, com prefácio de Adolfo Casais Monteiro e lançada no ano de 1953. Algumas traduções também foram levadas a termo, a exemplo de *As grandes correntes da História*

Universal, de Jacques Pirenne, editada em 1950 pela Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileira, com tradução de Adolfo Casais Monteiro.[10]

Como se nota, o nome de Adolfo Casais Monteiro figura como participante direto na produção das duas obras citadas acima. Isso explica em boa medida a grande quantidade de cartas que Soromenho e Casais trocaram entre o final da década de 1940 e início dos anos de 1950. Além do fato de que Casais fazia viagens constantes ao Porto e lá permanecia algumas temporadas, e nessas ocasiões se comunicava por cartas com os amigos. O trabalho editorial de Soromenho estabeleceu uma parceria com Casais Monteiro, este com o trabalho intelectual de fazer apresentações, prefácios e traduções; e aquele como editor.

Esta permanência de Castro Soromenho no Brasil entre março a abril de 1949 foi proveitosa dentro daquilo que ele tinha planejado, já que conseguiu deixar no prelo o seu romance *Terra Morta* e estabeleceu uma parceria de publicação com a editora de Arquimedes de Melo Neto. Para nós que analisamos o círculo de relacionamentos desse escritor neste já distante ano de 1949, essa viagem e algumas atividades realizadas por Soromenho ao longo de sua permanência no Rio de Janeiro reforçam nosso posicionamento acerca da busca de Castro Soromenho por reconhecimento intelectual em solo pátrio.

Alguns fatos ocorridos no Brasil, na ocasião de sua passagem pelo país, nos permitem sugerir que a opção de Soromenho em manter-se como escritor e iniciar suas atividades de editor, a partir deste ano de 1949, foram refletidas. Em carta enviada do Rio de Janeiro a Casais Monteiro no dia 2 de abril de 1949, depois de afirmar como a alta do custo de vida no Brasil prejudica a vida de um escritor, Soromenho menciona que logo receberá de Artur Ramos, informações acerca de algumas conferências que ministrará na Faculdade de Filosofia, mas é categórico: "Confesso que só me interessa fazê-las pelo dinheiro". Duas linhas abaixo ele afirma também que recusou convite do Álvaro Lins para ser colaborador no Jornal Correio da Manhã, "não tenho tempo por ora", respondeu Soromenho a Lins (2 abr. 1949).

Passados treze dias, Soromenho escreve novamente a Casais para dar várias notícias, entre elas uma que faz referência à conferência que ministrou na Faculdade de Filosofia. A princípio acreditamos que tenha sido a convite de Arthur Ramos, mas não temos evidências

[10] Após a dissolução da Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileira por parte dos sócios, Soromenho funda em 1953 a Editorial Sul em Lisboa.

para fazer tal afirmação. Independente disso, vejamos o julgamento pessoal de Soromenho acerca desta sua 'conferência':

> Fiz média 8 numa conferencia na Faculdade de Filosofia: - "O Homem novo da Africa". Presidia o Artur Ramos, que fez uma apresentação que me deixou envergonhado com os elogios. Gostaram e pediram ao A. R. para eu a repetir, mas recusei-me por falta de tempo. A meu pedido o A.R. cancelou a proposta para uma serie de confª, (curso), pagos, na F. de Filosofia. Fiquei de fazê-los na minha nova visita ao Brasil, que terei de fazer por estar ligado a assuntos editoriais. (SOROMENHO, 15 abr. 1949)

Tais evidências nos levam a concluir que Castro Soromenho na sua vinda ao Brasil em 1949 teve opções concretas de cá permanecer, caso fosse seu interesse, para iniciar uma nova etapa de sua vida intelectual, distante assim das admoestações do salazarismo. Porém, suas opções já haviam sido feitas. Ele não desejava se destacar como intelectual em nível acadêmico, seus objetivos eram outros. Além de continuar a produzir seus romances, o trabalho de editor daria a Soromenho a possibilidade de publicar seus próprios livros e assim garantir alguma independência para levar a cabo seus projetos intelectuais. Em determinadas falas de Soromenho nestas cartas de abril de 1949 ele destila certo rancor em relação ao silêncio de alguns dos seus "camaradas" de Portugal frente a seus pedidos.

Em carta do dia 02 de abril de 1949, enviada do Rio de Janeiro, após passar uma lista de atividades para Casais, como era seu costume, Soromenho confidencia ao amigo: "Na minha nova vida em Lisboa, eu trabalharei com V. em estreita colaboração, tratarei esses camaradas com a mesma indiferença que lhes merece os meus interesses. Estou farto de ser bom rapaz... Agora, vamos é tratar de nossa vida." (SOROMENHO, 2 abr. 1949) O alvo desta reclamação certamente é Eduardo Salgueiro, amigo de Casais e proprietário da Editorial Inquérito, que não deu nenhuma resposta a Soromenho acerca da sua proposta de publicação do livro *A maravilhosa viagem dos exploradores portugueses*, o qual fora publicado pela Sociedade de Intercâmbio cultural luso-brasileira em 1948.

Outra observação que desejamos fazer com base nas duas missivas de abril de 1949, as quais referenciamos acima, diz respeito a autoidentificação de sua nacionalidade, a qual, por sua vez, era moldável diante da situação a que estava exposto. Ao relatar a Casais como estava indignado pelo fato de Paulo Duarte (1899-1984) – que na ocasião era redator do jornal Estado de S. Paulo – não responder suas cartas, ele afirma cheio de mágoa: "Esta gente não escreve,

por hábito e preguiça, dizem eles, nós diremos por falta de educação; mas nós somos europeus." (SOROMENHO, 2 abr. 1949) Ao disparar contra os hábitos dos brasileiros Soromenho se colocava como europeu, mas ao advertir Casais a não vir para o Brasil por conta do calor, visto que ele próprio como um "homem da áfrica" não estava suportando (SOROMENHO, 2 abr. 1949). Contradições desta ordem serão cometidas por Soromenho ao longo de sua vida, conforme na já citada entrevista concedida a Fernando Mourão em 1960 (MOURÃO, 1960).

Desde fins de 1947 Soromenho buscava junto a Casais apoio para a publicação de *Terra Morta* na França, visto que em Portugal o livro fora censurado em 1945. Este assunto ocupou um razoável número de correspondências enviadas por Castro Soromenho a Casais Monteiro. E objetivamos, neste momento, analisar especificamente esta questão no sentido de construir algumas interpretações acerca da posição intelectual ocupada por Soromenho neste amplo universo das letras portuguesas. Além disso, temos em mira, também, problematizar algo que afirmarmos anteriormente com relação ao desejo de Castro Soromenho ser reconhecido como um escritor português.

Desta sorte, especulamos que a publicação do romance *Terra Morta* no Brasil em 1949 foi uma segunda opção, visto que o seu desejo de publicá-lo na França no final da década de 1940 não se efetivou. Ou, o que também é provável, Soromenho almejava publicá-lo tanto na França quanto no Brasil.

Recuperemos esta história da tentativa de publicação de *Terra Morta* na França no final da década de 1940:

Lisboa, 12 de setembro de 1947, neste dia de clima quente, Castro Soromenho escreve a Casais Monteiro informando-lhe que está de partida para os Açores no dia 23 do mês corrente, e pede ao amigo para que ele escreva uma ou duas linhas para o Armand Guibert. Pela concisão do pedido, julgamos que o assunto já era de amplo conhecimento das partes. Nesta missiva, Soromenho relata que encontrara o Assis Esperança na estação de trem em Lisboa, de partida para Paris, e o entregou uma carta escrita por Armand Guibert sobre um dos livros de Soromenho. A intenção de Soromenho era que Armand Guibert, de posse desta carta levada pelo Assis Esperança, pudesse apresentar sua obra ao editor francês (SOROMENHO, 12 set. 1947). Não há referência ao nome do editor nesta carta. Soromenho neste momento tenta sofregamente publicar seu livro, censurado em Portugal, em alguma editora francesa. A despeito do pedido já feito a Assis Esperança na estação de trem, Soromenho pede também a Casais – por meio desta carta que ora citamos – que escreva uma carta ao Guibert, pois julgou

que o Assis não ia cumprir a gentileza, "ele [o Assis Esperança] já ia com muita pressa" (SOROMENHO, 12 set. 1947).

Armand Guibert (1906-1990) era Professor da Universidade Toulouse e ligado ao Instituto Francês em Portugal, e que na década de 1940 colaborou no *Diário Popular* de Lisboa com crítica literária. Na França seus trabalhos mais conhecidos estão ligados às traduções dos poemas de Fernando Pessoa; outro intelectual francês ligado ao mesmo instituto da Universidade de Toulouse é Pierre Hourcard, com quem Casais Monteiro mantinha contato frequente.

Castro Soromenho confiava tanto na possibilidade desta publicação em Paris, que até deixa um endereço nos Açores para que Casais pudesse lhe enviar o contrato de publicação da editora francesa. E numa situação destas podemos nos perguntar se isso era confiança demasiada ou precipitação, pois tudo dependia da forma como Casais Monteiro conduziria a situação. Não sabemos como tais pedidos eram recebidos por Casais, visto que eram constantes. Posso estar equivocado, mas vejo que a relação intelectual estabelecida entre Casais e Soromenho era assimétrica, uma vez que a dependência deste último, para com o crítico mais conhecido em Portugal da poesia de Fernando Pessoa era grande.

Pelo menos projetivamente Castro Soromenho se colocava nesta posição, e em raros momentos desta correspondência demonstrou algum tipo de descontentamento com os silêncios de Casais ou pelos seus atrasos na entrega das provas de livros em que ele tinha o trabalho de tradutor, e que Soromenho, por seu turno, editava e publicava. Casais Monteiro era um amigo que Soromenho muito admirava, visto ter lhe dedicado *Terra Morta*, mas também temia pelo rompimento, por isso talvez a ausência de qualquer tipo de reclamação para com as atitudes de Casais que o deixavam descontente.

A relação de Soromenho com Casais Monteiro apresentava suas tensões que a boa cordialidade não permitia que viessem à tona em suas missivas. Dada à dinâmica dessa relação – o primeiro sempre disposto a acionar o segundo no sentido de auxiliá-lo com indicações e apresentações a este ou aquele intelectual ou editor – é natural que o desgaste ocorreria em algum momento. Uma vez que Soromenho se colocava de maneira díspar nesta relação, ora pedindo favores, ora buscando o reconhecimento da autoridade de crítico literário possuída por Casais Monteiro.

Castro Soromenho nos momentos em que se encontrava angustiado deixava muito timidamente escapar algum julgamento de âmbito pessoal, como na carta datada de 25 de agosto de 1952 enviada de Buenos Aires para José Augusto França. Na qual, depois de muito reclamar, pelo fato de se encontrar na América do Sul e que muito ansiava estar na Europa, ele pede

notícias dos amigos, vejamos: "[…] dos nossos amigos e inimigos, o que há? Espero que o Sena esteja mais inteligente do que nunca e o Casais menos sacana – duas coisas impossíveis, bem o sei; porque a inteligência do primeiro não tem medida...[sic] e a sacania do segundo está para além de todas as medidas!" (SOROMENHO, 25 ago. 1952).

Escrito em 1952, num momento em que a ideia de publicar *Terra Morta* pela Gallimard via Casais Monteiro já havia sido abortada, esse comentário de Soromenho dá bem a medida da tensão velada que existia na sua relação com Casais Monteiro. Difícil saber se este momento de desabafo de Soromenho foi momentâneo ou se originou pelos acúmulos de longos anos se relacionamento com o amigo. Nisto podemos incluir os silêncios de Casais para com os pedidos de Soromenho, no sentido de auxiliá-lo numa publicação francesa de *Terra Morta*, como também sua apatia diante do trabalho de tradutor desenvolvido na editora fundada por Soromenho em 1949.

Dado que *Terra Morta* fora publicada no Brasil e não na França, podemos deduzir que em função dos constantes pedidos de Soromenho, Casais Monteiro simplesmente ignorava parte deles, ou seu trabalho de intermediador não foi suficiente para a publicação da obra em Paris naquele momento. Em sua troca de correspondência, Soromenho solicitou ao longo da década de 1940 o apoio de Casais Monteiro junto à intelectuais ou editores franceses no sentido de apoiá-lo na publicação dessa obra. Como é sabido, este livro de Soromenho será traduzido em Paris pela *Présence Africaine* em 1956, todavia, esta tradução não é fruto das relações de Soromenho com Casais Monteiro. Esta tradução foi resultado das relações de Soromenho com o sociólogo angolano Mário Pinto de Andrade, com quem Soromenho estabeleceu parceria em diversas publicações.

Numa carta datada de 5 janeiro de 1948 e destinada a Casais Monteiro, Castro Soromenho encontrava-se hospedado em Ponta Delgada na casa da irmã Alda Monteiro. Ela era casada com Raul Mendonça, o qual emprestou seu nome e seu capital a Soromenho para a montagem da Editorial Sul em 1953. Neste isolamento, Soromenho deixa escapar algumas conclusões feitas sobre si mesmo, algo raro em sua personalidade introspectiva. Nesta carta ele confidencia a Casais que 1938 fora o ano de sua entrada no mundo das letras. Para nós, que analisamos a obra desse escritor, esta é uma informação extremamente interessante, pois nos mostra como Soromenho está reelaborando seu próprio passado de modo a criar uma sequência lógica que justifique para si mesmo e a outrem sua transformação em escritor. Este fato é mencionado nesta carta por conta da lembrança de uma frase proferida a Soromenho por

Ferreira de Castro, que dizia que o meio literário é um "alguidar de lacraus". Expressão que abrasileirada pode ser interpretada como "ninho de víboras". É nítido o desconforto dele com a situação atual. Baseando-nos pela correspondência enviada para Casais Monteiro nestes anos de 1947 e 1948, o fato que mais incomoda Soromenho neste período é a publicação de seu livro *Terra Morta* em língua francesa. A sensação pessoal de se encontrar "num ninho de víboras" pode ser interpretada por nós como um descompasso de interesses entre este escritor e o meio literário, no qual ele tenta cavar sua inserção. Soromenho, neste momento, era incapaz de compreender isso, tanto que lastima-se junto ao amigo Casais Monteiro o fato de que "todo escritor português ser um incompreendido" (SOROMENHO, 25 ago. 1952).

Voltando à questão de Soromenho reelaborar seu passado e sua transformação em escritor nesta carta de janeiro de 1948, o artigo "A ilusão biográfica", do sociólogo francês Pierre Bourdieu, nos fornece algumas pistas interessantes para compreender essa atitude de Castro Soromenho. Interpretar a história de uma vida como algo linear com seu começo e fim orientados, a exemplo do que faz o senso comum, segundo Pierre Bourdieu, "é aceitar tacitamente a filosofia da história no sentido de sucessão de acontecimentos históricos" (BOURDIEU, 1998, p. 183).

Bourdieu chama a atenção para a análise de biografias e autobiografias que incorrem no erro de interpretar a vida como um todo coerente e orientado, ou seja, ler a vida enquanto um projeto. Ao assumir tal postura o biógrafo ou o próprio biografado leem este ou aquele fato do seu passado retirando-o da sua historicidade e o inserem numa sequência teleológica sobre a qual já se tem elaborado o seu começo e seu fim. Isso leva o biógrafo ou o biografado a selecionar "dentro de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles certas conexões para lhes dar coerência [...]" (BOURDIEU, 1998, p. 185) Trata-se, enfim, de uma criação artificial de sentido a que o historiador deve estar atento para não ser enveredado por ela.

Castro Soromenho não desejava ser lembrado como um cobrador de impostos no posto civil de Camaxilo a serviço do governador da Lunda, ou um angariador de mão de obra para as minas da Diamang. Ele se esforça para se colocar como um romancista que conhecia muito bem a vida na África e que não escrevia sem conhecimento de causa. Este fato, com toda a certeza, explica em boa medida a ausência de referências por parte de Soromenho a sua vida em Angola. Inclusive ao se observar os diversos documentos que compõem o seu espólio pessoal, nota-se que da sua parte houve um trabalho – seja ele consciente ou não – de selecionar aquilo que ele gostaria que fosse lembrado acerca de sua pessoa.

Este esforço externava o desejo de ser um reconhecido romancista português, todavia, a Lunda, sua história e seus problemas ligados à presença do também problemático colonialismo português não foi um caminho fiável para esse projeto. As páginas de Soromenho traziam verdades com as quais os portugueses não queriam tomar contato.

Por sua vez, ele incorporou formas e narrativas de outras tradições culturais para compor suas tramas e reformular um gênero literário que ficou conhecido como literatura colonial. Isso nos obriga a fazer ajustes em nossa percepção acerca da sua literatura, objetivamos, assim, pensar sua escrita como sendo um paradoxo. Pois, ele tenta fundar um novo cânone literário que entra em conflito com a norma estabelecida da moderna literatura portuguesa. Ao fazer isso, consciente ou inconscientemente, Castro Soromenho constrói uma escrita paradoxal que possui em si o gérmen da literatura angolana. Já afirmamos aqui que não consideramos Soromenho um escritor ligado aos valores nacionalistas e independentistas da literatura angolana que se adensou na década de 1950 em diante. Todavia, sua escrita possui essa interessante relação dialética: de um lado almeja ser ligada ao modernismo português, do outro questiona e denuncia os problemas do colonialismo e ao mesmo tempo ajuda a reconstruir a cultura da Lunda por meio da literatura. Do resultado dessa contradição, frutificarão novos autores e novas obras que comporão uma literatura nacional angolana, em nosso ponto de vista essa é a grande contribuição da obra de Castro Soromenho.

Bibliografia

ALGRANTI, Leila Mezan; MEGIANI, Ana Paula. **O Império por escrito** – formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico séculos XVI-XIX. São Paulo: Editora Alameda, 2009.

BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica". *In*: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

CALVÃO, Filipe . "Equilibrium and Conflict: notes on the nature of colonialism". *In*: CURTO, Diogo Ramada; RAPPAS, Alexis (eds). **Colonialism and Imperialism***:* Between Ideologies and Practices. Badia Fiesolona [Italy], 2006.

CARVALHO, Henrique Dias de. **Expedição portuguesa ao Muatiânvua (1884-1888)**: Etnografia e história tradicional dos povos da Lunda. Lisboa: Imprensa Nacional, 1890.

CLARO, Regina. **Letras negras em folhas brancas**: a construção da nação em Angola por Assis Júnior (1917-1935). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

FRANÇA, José-Augusto. "Entrevista concedida em 11 de Novembro de 2012". A transcrição da entrevista foi revista pelo entrevistado e devidamente autorizada.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e escritas pós-coloniais**: estudos sobre literaturas africanas. Rio de Janeiro: EdUerj, 2012.

MATA, Inocência. A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência?. **O Marrare**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 20-34, 2007.

MONTEIRO, Adolfo Casais. **O que foi e o que não foi o movimento da Presença**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995.

_____. Apresentação. *In*: SOROMENHO, Castro. **Terra Morta**. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria editora casa do estudante brasileiro, 1949.

MOURÃO, Fernando Augusto. Entrevista com Castro Soromenho. (Cultura: boletim da Sociedade Cultural de Angola, 2 [11]. 7 de maio de 1960).

_____. **A sociedade angolana através da literatura**. São Paulo: Ática, 1978.

MENDONÇA, Fernando. **O romance português contemporâneo**. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1966.

PEREIRA, José Pacheco, Censura – Relatório nº 2805 (18 de abril em 1945)/ Relativo a "Terra Morta de Castro Soromenho. **Ephemera**, [*s. l.*], 12 dez. 2011. Disponível em: <http://ephemerajpp.wordpress.com/2011/12/12/censura-relatorio-no-2805-18-de-abril-de-1945-relativo-a-terra-morta-de-castro-soromenho/#>. Acesso em: 12 out. 2012.

PINTO, Alberto de Oliveira. **História e Literatura**: Angola, os angolanos e sua cultura (1924-1939). Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa., Lisboa, 2010.

SILVA, Raquel. **Figurações da Lunda**: experiência histórica e formas literárias. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SOROMENHO, Castro. **Terra Morta**. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria editora casa do estudante brasileiro, 1949.

_____, [Carta] 12 maio 1949, Buenos Aires [para] Casais Monteiro, Porto, 2f, Cota E15/4439. Acervo Biblioteca Nacional de Portugal.

_____, [Carta] 02 abr, 1949, Rio de Janeiro [para] Casais Monteiro, Porto, 2f, Cota E15/4436. Acervo Biblioteca Nacional de Portugal.

_____, [Carta] 12 set, 1947, Lisboa [para] Casais Monteiro, Porto, 1f, Cota E15/4430. Acervo Biblioteca Nacional de Portugal.

_____, [*Carta*] 15 abr, 1949, Rio de Janeiro [para] Casais Monteiro, Porto, 2f, Cota E15/4437. Acervo Biblioteca Nacional de Portugal.

_____, [Carta] 15 mai.1965, Havre [para] Casais Monteiro, Araraquara, 4f, Cota E15/4472. Acervo Biblioteca Nacional de Portugal.

_____, [Carta] 28 dez.1948a, Ponta Delgada (Açores) [para] Casais Monteiro, Porto,. 1f, Cota E15/4429. Acervo Biblioteca Nacional de Portugal.

_____, [Carta] 28 dez.1948b, Ponta Delgada (Açores) [para] Casais Monteiro, Porto, 1f, Cota E15/4429. Acervo Biblioteca Nacional de Portugal.

_____, **Lendas Negras**. Coleção Cadernos Coloniais. n. 20. Lisboa: Editorial Cosmos, 1936.

_____, [Carta] 25 ago, 1952, Buenos Aires [para] José-Augusto França, Paris, 2f, Espólio N71. Acervo Biblioteca Nacional de Portugal.

TORRES, Alexandre Pinheiro. **O Neo-realismo literário português**. Lisboa: Moraes Editores, 1976.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Ares e azares da aventura ultramarina: matéria médica, saberes endógenos e transmissão nos circuitos do Atlântico luso-afro-americano. *In*: ALGRANTI, Leila Mezan; MEGIANI, Ana Paula. **O Império por escrito** – formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico séculos XVI-XIX. São Paulo: Editora Alameda, 2009.